O GLOBO
Publicado em 03/09/2024 - 05:57

Venezuela ordena a prisão de opositor de Maduro

CAÇADA AO RIVAL NAS URNAS

Controlada pelo chavismo, Justiça venezuelana dá ordem de prisão de adversário de Maduro

CARACAS

A Justiça da Venezuela aceitou um pedido do Ministério Público ontem para emitir um mandado de prisão contra o opositor Edmundo González Urrutia, acusado de cinco crimes pelo órgão ligado ao chavismo, depois que ele ignorou três intimações para depor na semana passada. O ex-diplomata alega ter vencido legitimamente as eleições presidenciais de 28 de julho, nas quais o presidente Nicolás Maduro foi proclamado vencedor pelo Conswelho Nacional Eleitoral (CNE), também controlado pelo chavismo, em meio a denúncias de fraude.

O mandado de prisão, assinado pelo juiz Edward Briceño, ordena que o diretor da Divisão de Captura do Corpo de Investigações Científicas, Criminais e Criminalísticas realize o procedimento.

"Nesse sentido, informo que, uma vez realizada a apreensão do referido cidadão, ele deverá ser imediatamente colocado à disposição do Ministério Público, que, por sua vez, deverá apresentá-lo perante este Órgão Jurisdicional no prazo de quarenta e oito (48) horas após sua apreensão, mediante notificação prévia ao Ministério Público, para fins de realização da audiência oral na presença das partes", diz a ordem.

SEM ATAS ELEITORAIS

González Urrutia é acusado de usurpação de funções, falsificação de documentos públicos, instigação à desobediência às leis, conspiração, "sabotagem de danos aos sistemas" (sic) e associação no pedido de prisão entregue pelo promotor Luis Ernesto Dueñez, encarregado da 58ª Promotoria Nacional, ao Primeiro Tribunal Especial de Primeira Instância, com jurisdição sobre casos de terrorismo.

As intimações tinham como foco o site no qual a oposição, liderada por María Corina Machado, publicou cópias de mais de 80% das atas a que alegam terem tido acesso e que, segundo afirmam, comprovam a vitória de González Urrutia contra Maduro. O chavismo considera essas atas forjadas. O Centro Carter, um dos poucos observadores internacionais do processo eleitoral na Venezuela, disse que as atas eleitorais coletadas pela oposição são "consistentes", afirmando que González Urrutia venceu de maneira clara e "por uma margem intransponível".

A líder da oposição reagiu ao mandado de prisão:

"Eles perderam todo o senso de realidade. Ao ameaçar o presidente eleito, eles só conseguem nos aproximar e aumentar o apoio dos venezuelanos e do mundo a Edmundo González. Serenidade, coragem e firmeza. Estamos seguindo em frente", escreveu María Corina no X.

Ameaçado de prisão anteriormente por Maduro e na clandestinidade há quase um mês, González Urrutia é acusado pelo procurador-geral da República, Tarek William Saab, juntamente com María Corina de instigar os protestos contrários à reeleição de Maduro que resultaram em 27 mortes, duas delas de militares, quase 200 feridos e mais de 2,4 mil detidos — incluindo 114 menores de idade, dos quais 86 foram libertados no final de semana.

GABRIELA ORAÁ/AFP/4.7.2024

Na clandestinidade. O então candidato presidencial opositor Edmundo González Urrutia em comício em Caracas antes das eleições: acusado de seis crimes

'ACUSADOR POLÍTICO'

Em 5 de agosto, o MP anunciou a abertura de investigação contra González Urrutia e María Corina por "instigação à insurreição", entre outros crimes, depois de estes terem pedido às Forças Armadas (que juraram "lealdade absoluta" a Maduro) que cessassem a repressão aos protestos e dessem as costas ao chavista, em carta aberta nas redes sociais.

Nenhuma das três intimações especifica se González Urrutia foi convocado como acusado, testemunha ou perito, de acordo com a lei venezuelana. Fala apenas em "dar uma entrevista em relação aos fatos investigados por este escritório" pelo suposto cometimento de "usurpação de funções" e "falsificação de documento público", crimes que podem levar à pena máxima de 30 anos de prisão.

A falta de especificação foi levantada pelo ex-diplomata nas redes sociais, ao afirmar que Saab "tem se comportado reiteradamente como um acusador político" e que o Ministério Público pretende submetê-lo "a um questionamento sem especificar em que condição devo comparecer (acusado, testemunha ou especialista, segundo a lei venezuelana) e com a pré-qualificação de crimes não cometidos".

Na semana passada, a principal coalizão opositora da Venezuela denunciou o que descreveu como "perseguição judicial" contra seu candidato.

Maduro foi proclamado reeleito para um terceiro mandato de seis anos, até 2031, pelo CNE de maioria chavista, que não publicou os detalhes da contagem de votos, conforme exigido por lei. O resultado foi validado pelo Supremo Tribunal de Justiça (TSJ), mas desconhecido por Washington, União Europeia e vários países latino-americanos, incluindo o Brasil, que exige ver as atas da eleição.

SÓ A OUTRO CHAVISTA

O presidente venezuelano, no entanto, disse em encontro com lideranças do Partido Socialista Unido da Venezuela (Psuv) ontem, após o pedido de prisão de González Urrutia, que só entregará a Presidência para outro "presidente chavista". Durante o discurso transmitido pelo canal estatal VTV, ele pediu uma "revolução dentro da revolução" para liderar o país nos próximos anos.

— Eu sou o primeiro presidente chavista e, quando eu entregar o comando, quando chegar a hora, eu o entregarei a um presidente chavista — declarou. — Ninguém pode se considerar indispensável em qualquer cargo ou tarefa, nem mesmo eu, o ego, pelo amor de Deus, é o terreno fértil para a corrupção, para a traição. Todos nós que estamos aqui estamos vacinados.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Pagina:** 20

Copyright © Clipclap 2025.